

RESISTÊNCIA NEGRA NA EDUCAÇÃO: PROJETO NEGRITUDES REFLEXÕES E AÇÕES JUNTO A COMUNIDADE

TEREZA CRISTINA B. DUARTE; ADARA GUIMARÃES DE SOUZA; LARISSA
CRUZ; LOUISE PRADO ALFONSO

¹Universidade Federal de Pelotas – terezacduarte@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – adarawork@gmail.com

³Universidade Federal de de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da experiência desenvolvida em um curso sobre relações raciais na educação, **“Negritudes: Reflexões Sobre Histórias e Cultura Afro-brasileira em Pelotas”**, uma ação do projeto de extensão “Narrativas do Passo dos Negros: um exercício de etnografia coletiva para antropólogos/as em formação”, que está vinculado ao projeto de pesquisa “Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas”. Ambos os projetos desenvolvidos no âmbito do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), vinculado ao Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A proposta surge de uma demanda da Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED) de Pelotas-RS como forma de aprofundar o debate sobre relações raciais na educação e sobre temáticas apresentadas em livros didáticos.

A atividade faz parte da pesquisa de doutoramento de uma das autoras, visto que o corpus trata da invisibilidade e silenciamento de negros e negras no contexto acadêmico da cidade de Pelotas e região. Com objetivo de aproximar ensino, pesquisa e extensão, a ideia primeiramente, foi de ofertar um curso para docentes da rede municipal de forma presencial, mas devido ao no contexto da pandemia (COVID-19), foi adaptado para a forma remota.

A partir de atividades síncronas e assíncronas se construiu um planejamento e um cronograma onde os participantes pudessem refletir e problematizar a educação em contexto racializado, e reconhecessem as particularidades do racismo presentes na estrutura da sociedade brasileira. Oferecendo subsídios para que estes/as trabalhadores/as, abordassem as questões raciais de forma qualificada e contextualizada, considerando as características históricas locais. Para tanto, o embasamento teórico foi construído a partir de GOMES (2005), MOREIRA (2019) e RIBEIRO (2019).

2. METODOLOGIA

GOMES (2005 p. 148) afirma que o entendimento conceitual sobre o que é racismo, discriminação racial e preconceito, poderia ajudar os/as educadores/as a compreenderem as especificidades do racismo brasileiro auxiliando a reconhecer práticas racistas e reduzir seus impactos, sendo assim, objetivo do curso é contribuir para efetivação de ações antirracistas dentro e fora da escola.

A estrutura do curso conta com atividades assíncronas como vídeo palestras, textos, mapas conceituais e análise crítica de filmes e publicações das redes sociais relacionadas às temáticas raciais. Essa organização considerou o contexto atual da pandemia, em que as atividades acadêmicas e profissionais,



permeiam a rotina familiar da maioria das pessoas, permitindo que realizassem suas atividades quando dispusessem de tempo. Nos oito encontros síncronos, realizados todas as sextas-feiras, além da discussão e avaliação das tarefas solicitadas, proporcionando a troca de saberes e experiências, contamos sempre com a interação de um/a convidado/a, com expertise na área. Tivemos colaboradores/as de localidades como Benim, Recife, São Paulo, Rio de Janeiro e Haiti, que fizeram o aprofundamento da temática da aula da semana, respondendo as questões que surgissem via chat.

Os temas tratados nas atividades assíncronas foram: **Diáspora Africana; Os Primeiros Humanos; Pelotas enquanto Território Sagrado; Imigração Negra em Pelotas; Resistência Negra na educação; 10639 lugares para o negro estar - a escola é um deles!** e por fim **Narrativas do Passo dos Negros**. Nas atividades síncronas foram abordados: **Microevolução humana: história populacional de Homo sapiens vista através de fósseis, genes e artefatos; Um relato sobre o Benin; Algumas considerações sobre a herança africana nas religiões de presença africana nas américas. Casos de Cuba, Haïti e o Brasil; A história do conceito de raça e a formação da branquitude; República do Haiti: Leituras cruzadas entre prática e políticas entre as classes; Hierarquização e racialização das crianças negras na educação infantil e no encontro final: Extra! Extra! um negro foi/é encontrado morto em Pelotas-uma análise arqueológica dos jornais pelotenses do século XX e Racismo, Violência Simbólica e Inclusão: Um olhar sobre a (In)Visibilidade negra na sociedade.**

O curso totalizou 40h de atividades síncronas e assíncronas tendo mais de duzentos inscritos, cujo público alvo eram docentes da educação básica, mas devido à grande procura, abrimos a participação para o público geral. Na ficha de inscrição, foram solicitados dados relacionados ao conhecimento e/ou vivência de situações de racismo, que nortearam as abordagens pedagógicas destes encontros. Percebemos também, a participação de um percentual importante de pessoas brancas, fato que acabou por sinalizar a necessidade por parte dessas pessoas, em rever seus conceitos acerca das questões raciais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi perceptível o amadurecimento da turma sobre a temática, além de desmitificar questões ligadas a religiosidade e contribuição das religiões de matriz africana, assim como a influência negra na cultura da cidade de Pelotas-RS e região. Questões relacionadas à imigração africana também foram pautadas, e problematizou-se que o preconceito com relação a estes indivíduos era evidente, desvelando a face do racismo estrutural presente cotidianamente em no nosso país. Ao abordar o assunto com estes/as educadores/as, provocamos reflexões que ultrapassam o contexto da sala de aula, e invadem a vida de todos/as. Tivemos relatos sobre a mudança de perspectiva sobre a sacralização de animais, o culto vodu, a importância e influência do povo negro na nossa “tradicional” culinária, e o entendimento da nossa cidade como um território sagrado. Um dos relatos que muito nos impactou, foi de uma participante branca e vegana, que fala sobre a sua relação com a sacralização de animais:

(...) Quero melhorar como pessoa e poder ensinar aos outros sobre o quanto ainda agimos de forma errada, desrespeitando o SAGRADO dos outros.

Sigo minha luta pelos animais, mas dessa vez com a consciência que existem outras lutas e que preciso estar



inserida e também lutar junto com elas. Não sou negra, mas fui atacada por defender pessoas negras e sua religiosidade. E por pessoas que não se sentem racistas. Dizem defender a vida, mas em suas palavras só existem ódio e violência. Mesmo sendo vegetariana/vegana há 8 anos, ter uma luta de mais 20 anos na causa animal, fui acusada de "matar" cabritos, por defender uma pessoa negra e de religião de matriz africana. Fui hostilizada por pessoas que AINDA COMEM CARNE ANIMAL. (hipócritas), por dar a informação correta sobre e como se procede a SACRALIZAÇÃO e não "matança de animais" como o chamam. Conto tudo isso, pois nunca me senti tão forte em poder me posicionar e ter os recursos e argumentos corretos para rebater esse tipo de agressão. E agradeço por terem me aceitado nesse curso e me darem a oportunidade de melhorar enquanto professora e principalmente, como ser humano aprendente (que ainda está em processo de aprendizagem) e valorizar CADA E TODA FORMA DE VIDA!

Os reflexos desse curso ainda reverberam quando se faz a transposição de saberes acadêmicos para uma realidade vivida, e que aos poucos começa a ser percebida, por todos que participaram destes oito encontros. Para nós, equipe organizadora um desafio e um aprendizado, a cada contribuição feita ao longo das atividades, como o desta docente que fala sobre o posicionamento de seus estudantes diante de uma situação de caráter racista:

“É o que acontece com meus alunos do EM. Os alunos presenciavam, mas querem pertencer ao grupo e não fazem nada. Isso é o que tenho tentado mudar. Mas aí vem a questão de que é “brincadeira”. Racismo velado, racismo de entretenimento(...)”

O relato acima revela uma situação que conforme MOREIRA (2019, p.31) está caracterizada como racismo recreativo, que faz uso do humor para expressar hostilidade racial, estratégia que permite a perpetuação do racismo, mas que protege a imagem social das pessoas brancas. A percepção desta docente sobre o ocorrido, foi dividida com o grupo durante a aula sobre branquitude. Ao avaliar posicionamentos e questões que surgem nos relatos, percebemos que os participantes, começam a agenciar mudanças internas, e refletir sobre situações e estruturas que já estão estabelecidas. Portanto, as atividades e discussões desenvolvidas durante o curso, trouxeram ao grupo a percepção de que não basta apenas apontar o racismo, é necessário problematiza-lo, discuti-lo, e desenvolver um processo de escuta das pessoas negras. Sobre essa questão seguem os comentários de duas participantes durante o chat:

“o curso está sendo muito bom, estou gostando muito, pois enquanto educadora sempre me questionei como abordar este tema desde a educação infantil, quando tive contato com a prof. Tereza e o Prof. André passei a me questionar muito e através das falas e trabalhos realizados, pude rever e me questionar e mudar minha forma de abordar o tema do racismo desde os pequenos e estudar faz com que tenhamos mais clareza e entendimento para falar sobre isso(...)”

“Na minha sala de aula em um curso de Serviço Social, colegas comentaram que não concordam com as cotas.



consequentemente, os " futuros assistentes sociais", não concordam com a inclusão. (...)”

Nesta última citação, a participante problematiza a postura de seus colegas de graduação, em uma área de humanidades, que não reconhecem a importância das políticas de ações afirmativas, ou seja, um discurso permeado pelo racismo estrutural e que revela o desconhecimento sobre uma temática relevante para estes/as profissionais. RIBEIRO (2019) reforça a importância de todos/as no debate, desde que saibam reconhecer o lugar de onde falam:

Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experienciar racismo do lugar de quem é objeto da opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas vão experienciar do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. Logo, ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos.p.85

Foi possível observar que a dinâmica das atividades, levou o grupo a compreender os diversos mecanismos de perpetuação do racismo, e a necessidade de se desenvolver um olhar crítico sobre a realidade na qual estamos inseridos/as, e adotarmos uma postura não apenas de oposição ao racismo, mas sim, antirracista.

4. CONCLUSÕES

O efeito das discussões e das atividades propostas ainda reverberam no grupo e os provocam e repensar não apenas a sua práxis docente, mas o seu cotidiano. A percepção de comportamentos ligados a herança escravocrata, e uma cultura que privilegia apenas os saberes eurocêtricos, foi reconhecida pela maioria dos participantes, o que significa que a ação foi bem sucedida. Enquanto equipe organizadora temos a consciência de que ainda há muito a ser feito, e que os envolvidos serão multiplicadores do que foi proposto. Nossa intenção é que a partir deste primeiro movimento, essas pessoas se sintam provocadas a buscar maior conhecimento sobre a temática racial, pensem de forma crítica sobre seus privilégios (ou a falta deles), e assim possam ser agentes de transformação em nossa sociedade, em prol de uma educação antirracista.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOMES, N.L. Educação e Relações Raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, K. (Org.), **Superando o Racismo na escola**. Brasília: MEC, SECAD, 2ª edição revisada / 2005. Cap.8, p. 143-154.

MOREIRA, A. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.